

**Biblioteca  
Virtualbooks**



**A LEI DA  
VIDA  
JACK LONDON**

**Edição especial para distribuição gratuita pela Internet, através da Virtualbooks.**

A VirtualBooks gostaria de receber suas críticas e sugestões sobre suas edições. Sua opinião é muito importante para o aprimoramento de nossas edições:

**Vbooks02@terra.com.br** Estamos à espera do seu e-mail.

**Sobre os Direitos Autorais:**

Fazemos o possível para certificarmos-nos de que os materiais presentes no acervo são de domínio público (70 anos após a morte do autor) ou de autoria do titular. Caso contrário, só publicamos material após a obtenção de autorização dos proprietários dos direitos autorais. Se alguém suspeitar que algum material do acervo não obedeça a uma destas duas condições, pedimos: por favor, avise-nos pelo e-mail: [vbooks03@terra.com.br](mailto:vbooks03@terra.com.br) para que possamos providenciar a regularização ou a retirada imediata do material do site.



**[www.virtualbooks.com.br/](http://www.virtualbooks.com.br/)**

Copyright© 2000/2003 Virtualbooks  
**Virtual Books Online M&M Editores Ltda.**  
**Rua Benedito Valadares, 429 – centro**  
**35660-000 Pará de Minas - MG**  
Todos os direitos reservados. All rights reserved.

# A LEI DA VIDA

O velho Koskoosh ouvia ansioso. Enfraquecida a visão, aguçara-se o sentido da audição e o menor ruído penetrava a luminosa inteligência oculta sob a testa encanecida, já desiludida das coisas do mundo. Ah! Sit-cum-to-ha, esbravejava com os cachorros, metendo-os nas rédeas. Sit-cum-to-ha, sua neta, estava ocupada demais para perder tempo pensando no velho avô abandonado na neve, solitário, sem esperanças. Tinham que desmontar o acampamento. Esperava-a a longa trilha e o dia curto recusava-se a durar um pouco mais que fosse. Chamavam-na a vida e os seus misteres, não a morte. E ele estava agora às portas da morte.

Por um momento, esta idéia encheu o velho de pânico e fê-lo esticar a mão trêmula e parálitica sobre o pequeno feixe de lenha seca ao seu lado. Certificado de que em verdade lá estava, recolheu a mão ao calor das peliças e pôs-se à escuta. O rangido dos couros semi-congelados contava-lhe que o abrigo de pele de veado do chefe estava a ser desmontado e enrolado num pacote portátil. Era o seu filho, o chefe, forte e valente, cabeça da tribo e poderoso caçador. Enquanto as mulheres ocupavam-se com a bagagem do acampamento, ele elevava a sua voz, ralhando com elas pela sua vagarosidade. O velho Koskoosh aguçou os ouvidos. Era a última vez que ouviria aquela voz! Lá ia agora o abrigo de Geehow! E o de Tusken! Sete, oito, nove; restava somente o do sacerdote. Pronto! começavam a desmontá-lo! podia ouvi-lo gemer, enquanto o acomodava no trenó. Uma criança chorou e a mãe embalou-se com sons guturais. O pequeno Koo-tee, pensou o ancião, uma criança

irritadiça e fraca. Morreria logo, talvez e, sobre a cova na tundra gelada, empilhariam pedras para afugentar os lobos. No fim, que importava? Mais uns anos, no máximo, e a barriga ora cheia ora vazia. A morte esperava, sempre faminta.

Que seria aquele som? Os homens amarrando as correias dos trenós, apertando-as! Ouvia-os agora, logo não mais os ouviria. Os chicotes zuniram entre a cachorrada. Como latiam! Que raiva lhes inspirava a estrada e o trabalho!

Largaram! Um após outro, foram os trenós mergulhando no silêncio. Partiram. Tinham desaparecido da sua vida e ele enfrentaria a sua última hora de amargura. Não. A neve esboroou-se ao peso dum mocassin. Um homem estava ao seu lado. Sobre a sua cabeça desceu uma carinhosa mão. O seu filho era bondoso a este ponto. Lembrou-se de outros anciãos, cujos filhos não tinham tido a coragem de deixar partir a tribo. Mas o seu filho tivera. Divagou, então, pelo passado, até que a voz do moço o fez voltar.

"Está tudo bem?" - perguntou.

O velho respondeu: "Sim, tudo está bem."

"Há madeira a seu lado", continuou o jovem, "e o fogo está forte. A manhã está cinzenta e começou o frio. Vai nevar, já está a começar."

"Sim, percebo que já está a nevar."

"O pessoal da tribo vai depressa. As suas cargas são pesadas e os estômagos estão murchos de falta de comida. O caminho é longo. Eles apressam-se. Agora, eu vou. Está tudo bem?"

"Sim, está bem. Eu sou como uma folha do ano passado, presa de leve ao galho. Ao primeiro vento que der eu cairei. A minha voz ficou igual à de uma mulher velha. Os olhos não mostram mais o caminho aos meus pés; eles são pesados e eu sinto-me cansado. Está tudo certo."

Inclinou a cabeça em sinal de aprovação até que o último ruído da neve pisada desapareceu e certificou-se de que o seu filho ia longe. Então a sua mão estirou-se depressa para a madeira. Era tudo o que restava entre ele e a eternidade que o reclamava. Por fim, a medida da sua vida era um punhado de gravetos. Um a um, alimentariam o fogo, e assim, passo a passo, a morte acercar-se-ia. Quando o último graveto tivesse esgotado o seu calor, o gelo começaria a ganhar forças. Primeiro sofreriam os pés, depois

as mãos. O entorpecimento, vagarosamente, iria subindo das extremidades do corpo. A cabeça cairia nos joelhos e ele repousaria. Era fácil. Todo homem tem que morrer.

Não se queixava. Era o modo de ser da vida e estava certo. Nascera perto da terra, perto da terra vivera e aquela lei não era para ele nenhuma novidade. A lei da carne. A natureza não é bondosa para com a carne. Não tinha a menor consideração por aquela coisa concreta chamada o indivíduo. O seu único interesse eram as espécies, a raça. Esta era a mais profunda abstração de que a bárbara imaginação de Koskoosh se sentia capaz e a ela se agarrou firmemente. Os exemplos abundavam na própria vida. O aparecimento da seiva, a verdura do broto, a queda da folha amarela, nisto se continha toda a história. A natureza preparava o homem para um determinado fim. Cumprindo-o ou não, morreria do mesmo jeito. A natureza não se importava, pois havia muitos obedientes, obediência exclusivamente neste assunto, que viviam para sempre. A tribo de Koskoosh era muito velha. Os anciãos que conhecera ao nascer lembravam-se de ter visto outros na sua meninice. Em verdade a tribo vivia e mantinha-se pela obediência de todos os seus membros, desde o passado remoto, de origens desconhecidas. Eles não entravam em linha de conta; meros episódios. Passavam como nuvens no véu de verão. Também ele era um episódio e logo se teria acabado. A natureza não se importava. Estabelecia uma tarefa para a vida e impunha-lhe uma lei. A tarefa era a perpetuação da espécie, a lei a morte. Uma donzela era criatura bonita de se ver, peito largo e forte, primavera na alma e luz no olhar. Ainda não cumprira a sua tarefa. Depois, aumentava o brilho dos olhos, o passo apressava-se, tornava-se confiada com os rapazes até então tímidos e trazia-lhes inquietação. Cada vez mais crescia a sua beleza e melhor era o seu aspecto, até que algum caçador, incapaz de se conter por mais tempo, levava-a para a sua casa, a trabalhar e cozinhar para ele, para se tornar a mãe dos seus filhos. Com a chegada dos descendentes, a beleza ia murchando. Os membros arrastavam-se e atrapalhavam, os olhos enfraqueciam e escureciam e somente os netos se compraziam perto das faces murchas da velha, ao lado do fogo. Terminara a tarefa. Dentro de pouco, ao primeiro sinal da fome ou a iniciar-se qualquer viagem mais longa, seria abandonada, como ele próprio, na neve, com um pequeno feixe de lenha. Era a lei.

Colocou cuidadosamente mais um graveto ao fogo e resumiu as suas meditações. Era o mesmo sempre, com todas as coisas. Os mosquitos desapareciam com as primeiras neves. O pequeno esquilo arrastava-se para morrer. Quando a idade avançava, o coelho tornava-se pesado e vagaroso e não mais podia escapular dos seus inimigos. Até os grandes cara-pelada ficavam desmazelados, cegos e briguentos, para no fim serem sobrepujados por um punhado de filhotes barulhentos. Lembrava-se de como abandonara o seu próprio pai, num lugar distante do Klondike, num inverno, exatamente no inverno anterior à chegada do missionário com os seus livros e a sua caixa de remédios. Muitas vezes lambera os lábios à lembrança daquela caixa, embora agora eles não mais se umedecessem. O "tira-dor" fora muito bom. Mas, no fim de contas, o missionário era uma amolação, pois não trazia alimento ao acampamento e comia desesperadamente. Os caçadores começaram a murmurar. Terminara por gelar os pulmões numa divisa perto do Mayo e os cachorros tinham derrubado as pedras com o focinho para brigarem pelos seus ossos.

Koskoosh pôs mais lenha ao lume e mergulhou de novo no passado. Recordou-se da grande fome, quando os velhos se amontoavam de barriga vazia perto do fogo e relatavam histórias antigas, de quando o Yukon corra livremente por três invernos e depois se congelara por três verões. Naquela ocasião perdera a sua mãe. A pesca do salmão, no verão, fracassara e a tribo esperava o inverno e a chegada dos caribus. Mas veio a estação e nada da caça. Nunca se ouvira contar de algo semelhante, nem mesmo os anciãos. Os caribus não apareceram e era o sétimo ano; os coelhos não tinham dado crias, os cachorros não passavam de feixes de ossos. Através da longa escuridão as crianças choravam e pereciam, assim como as mulheres e os velhos. Nem ao menos um em cada dez dos componentes da tribo sobrevivera para enxergar o sol na primavera. Aquilo tinha sido fome!

Felizmente vira também épocas de fartura, quando a carne se entregava nas mãos, os cachorros engordavam e ficavam imprestáveis de obesos; deixava-se a caça fugir sem tentar matá-la, as mulheres eram fecundas, nas cabanas meninos e meninas agitavam-se. Os homens, bem nutridos, começaram a lembrar antigas querelas e cruzaram a divisa ao sul para matar os Pellys e ao oeste para poderem sentar ao lado das fogueiras de Tananas. Lembrou-se de que

quando menino, numa época de fartura, ter visto um veado agarrado pelos lobos. Zing-ha - observara-a junto a ele, na neve - Zing-ha que mais tarde se tornaria o mais hábil dos caçadores e terminaria por cair num buraco no Yukon. Encontraram-no um mês depois, exatamente da maneira que caíra, metade para fora e congelado.

Mas quanto ao veado, naquele dia, ele e Zing-ha tinham saído para caçar à maneira dos seus pais. No leito de um regato, divisaram as pegadas frescas dum veado, junto com os rastros de lobos. Zing-ha, hábil na leitura de vestígios de bichos, disse: "É um veado velho, que não pode acompanhar o passo do rebanho. Os lobos cortaram-lhe o caminho e não o deixarão em paz." Era certo. Assim era o que faziam. Noite e dia, sem cessar, rosnando aos seus pés, avançando sobre o seu focinho, perseguí-lo até o fim. Como ele e Zing-ha tinham ficado inquietos! O final seria coisa digna de ser vista!

De pés ligeiros, seguiram a trilha; e até ele, Koskoosh, de vista curta, perseguidor de caça, teria, seguido perfeitamente, tão larga era. Estavam quase ao pé da caça, lendo a tragédia recém escrita em cada passada. Chegaram ao lugar onde o veado fizera alto. A neve fora revolvida e pisada, num espaço três vezes a altura dum corpo de homem. No meio havia as profundas impressões da caça perseguida, e em volta, por todos os lados, as leves pegadas dos lobos. Enquanto uns atacavam a presa, outros se tinham deitado de lado, para descansar. A impressão dos seus corpos na neve era nítida, como se deixada um momento antes. Um lobo fora apanhado num bote da vítima enfurecida e pisoteado até morrer. Ossos esparsos o testemunhavam.

Outra vez cessaram as pisadas de seus sapatos de neve numa segunda parada. Neste lugar, o grande animal lutara desesperadamente. Como atestava a neve, por duas vezes fora derrubado e por duas vezes sacudira longe os seus atacantes e ganhara de novo a estrada. Embora a sua tarefa já tivesse sido cumprida, a vida continuava para ele um bem muito caro. Zing-ha disse que era estranho um veado, uma vez derrubado, levantar-se de novo; mas aquele de certo o conseguira. Quando contassem ao sacerdote, ele de certo descobriria nisto presságios e milagres.

Chegaram ao ponto em que o veado conseguira escalar a margem e fugir para a mata. Mas os inimigos caíram-lhe por detrás até que ele se voltou e deu-lhes em cima,

comprimindo dois contra a neve. Era evidente que a presa estava ao seu alcance, pois os outros lobos nem os tocaram. Mais duas pausas, breves em tempo, e muito perto uma da outra. Agora o rastro estava sangrento, e as largas passadas do grande animal tinham encurtado e ficado sujas. Aí ouviram os primeiros sons da batalha - não a gritaria retumbante da caçada, mas latidos curtos que denotavam luta encarniçada e dentes mordendo a carne. Contendo a respiração, Zing-ha atirou-se na neve e arrastou consigo Koskoosh, que no futuro seria chefe da tribo. Juntos apartaram os galhos inferiores dum pequeno pinheiro e espiaram. Viram então o fim.

Aquele quadro como todas as impressões da mocidade estava ainda nítido, e sem olhos enfraquecidos, observaram o final tão vivamente como naquele tempo longínquo. Koskoosh maravilhava-se com isto, pois nos dias subseqüentes, quando era chefe dos homens e o principal dos conselheiros, praticava grandes atos e tornou o seu nome uma maldição na boca dos Pellys, para não mencionar o homem branco que matara, faca contra faca, em luta aberta. Ponderou tanto tempo sobre os dias da mocidade, que o fogo diminuiu e o frio começou a castigá-lo mais. Reacendeu-o com dois gravetos desta vez, e mediu o seu tempo de vida pelo que restava. Se Sit-cum-to-ha se tivesse lembrado do avô e colhido uma braçada maior, as suas horas teriam durado um pouco mais. Teria sido tão fácil! Mas fora sempre criança descuidada e não honrava os seus ancestrais desde que Beaver, neto de Zing-ha, lançara os olhos nela. Bem, que importava? Ele próprio não fizera o mesmo na mocidade? Por um momento, ouviu o silêncio. Talvez o coração do seu filho se abrandasse e voltasse com os cães para levar o seu velho pai com a tribo, onde o caribu abunda e a sua gordura é muita.

Aguçou os ouvidos, o cérebro irrequieto por um momento e fez uma pausa. Nem um rumor, nada. Somente ele respirava no meio daquele silêncio. Era muito solitário. Ora! O que seria aquilo? Um arrepio correu-lhe o corpo. O uivo familiar quebrou o vácuo e estava bem perto. Em seguida, nos seus olhos obscurecidos projetou-se a visão do veado - o velho veado macho - os flancos feridos e sangrentos, a crina perfurada, quebrada a galhada, cabisbaixo e nas últimas arremetidas. Viu as reluzentes formas cinzentas, os olhos brilhantes, as línguas de fora, a baba escorrendo. O

círculo inexorável ia-se fechando até se tornar um ponto negro no meio da neve pisada.

Um frio focinho chegou-se à sua face e àquele contacto a sua alma imediatamente retornou ao presente. A sua mão avançou para o fogo e pegou numa acha em brasa. Vencido pelo medo hereditário do homem, o bruto retirou-se, uivando em chamada dos seus Irmãos. Avidamente, eles responderam até que uma roda de animais agachados, bocas salivando, fizeram-lhe cerco. O velho ouvia o círculo diminuindo sobre ele. Brandiu o tição desordenadamente e o resfolegar transformou-se em ganidos; mas os arquejantes brutos recusavam-se a se espalhar. Agora um adiantou o corpo, arrastando a traseira, depois um segundo e um terceiro, mas nenhum se retraía. Por que se apegaria ele á vida? Com esta pergunta, deixou cair a acha em brasa sobre a neve. Chiando, apagou-se o fogo. O círculo grunhiu, com inquietação, mas não desistiu. De novo o viu e à última parada do velho veado. E, cansado, apoiou Koskoosh a cabeça nos joelhos. Que importava, no fim de contas? Não era esta a lei da vida?

\*\*\*\*\*

## SOBRE O AUTOR E SUA OBRA



**Jack London** (1876-1916) é um dos maiores escritores de aventuras de todos os tempos. Neste impressionante ensaio, ***Antes de Adão***, ele fala de sua personalidade dissociada: o Dentuço, um ser pré-histórico, pertencente ao Povo das cavernas, que teria vivido há milhões de anos e transmitido intactas suas impressões e vivências ao cérebro de Jack. A descrição exata e a emoção permanente fazem deste livro um fantástico

relato de aventuras.

Teve uma infância e juventude cheias de sacrifícios e aventuras. Autodidata, na mais legítima expressão da palavra, sua vocação para as letras foi imensa. Dotado de um estilo próprio, vigoroso, sintético, dizer muito com poucos vocábulos; amante da aventura e dono de uma grande sensibilidade artística, London conseguiu em apenas 14 anos, escrever 43 livros, além de centenas de contos, artigos e reportagens.

Aventureiro, jornalista, Jack London conheceu a fama e a decadência, sendo considerado um dos escritores mais bem pagos do seu tempo.

Mais tarde mergulhou no álcool e foi protagonista de alguns desastres financeiros. Mas o certo é que sua obra sobreviveu aos problemas que enfrentou no final da vida. Hoje é considerado um dos maiores escritores da língua inglesa em todos os tempos; sobretudo, um extraordinário narrador, e a sua influência marcou várias gerações de escritores

americanos, de Ernest Hemingway a John dos Passos e Jack Kerouac.

Entre sua vasta obra destacam-se: ***Martin Eden*** (1909), ***O Filho do Lobo*** (1900), ***O Chamado da Floresta*** (1903), ***O Lobo do Mar*** (1904) e ***Caninos Brancos*** (1906).